REGISTROS CRONOLÓGICOS

Lourenço Filho: Um Missionário Paulista no Ceará

Manuel Bergström Lourenço Filho, nasceu na localidade de Porto Ferreira, situada às margens do rio Mogiguaçu, no Estado de São Paulo, aos 10 de março de 1897, no seio de uma família de origem portuguesa e sueca. Seus biógrafos mais autorizados ressaltam que a educação por ele recebida deu-se em clima de grande efervescência cultural, tendo seu pai, na condição de comerciante de variedades citadinas e de homem afeito ao cultivo das artes e letras, iniciado o comércio de livros e de arte fotográfica e criado uma tipografia, um semanário e um cinema naquela localidade.

Assim, o menino cresceu entre livros, fotografias, jornais e filmes, com grande incentivo ao estudo, destacando-se como melhor aluno junto aos seus primeiros professores. Em 1911, prestou exame de admissão à primeira série da Escola Normal Primária de Pirassununga, em que foi aprovado, obtendo o primeiro lugar. Aí também chamava muita atenção de colegas e professores, em especial, nas aulas de história, por exibir um saber excepcional. Em uma delas, teria, inclusive, demonstrado conhecer a fundo a história do nordeste do Brasil. Indagado sobre o assunto, revelou ao professor ter lido a obra "Os Sertões" de Euclides da Cunha, a qual despertara nele uma grande curiosidade pelas coisas de um outro Brasil, que lhe fora apresentado como antigo, alheio e resistente ao clima modernista que o circundava.

Esse fato, que surpreendera o seu professor de História, parecia propiciar àquele adolescente uma certa antevisão daquilo que o futuro lhe reservava: a sua saída da terra natal, justamente, para o Norte, que tanto horror causava aos paulistas - em especial, às suas elites e aos descendentes de emigrados da Europa, no século XIX, aspirantes que eram à construção e partilha de um mundo modernizado, que suplantasse os valores sócio-religiosos da vida rural, do passado colonial e escravagista do Brasil - para, imbuído da crença de ser um missionário do progresso, dirigir, supostamente, a reforma civilizatória da educação e da cultura cearense.

Tal sentimento, na realidade, fazia parte da mentalidade das elites da época e Lourenço Filho, na condição de aluno, discípulo e colaborador de Antonio Sampaio Dória - defensor fervoroso de ser São Paulo um pólo irradiador da modernização do país e dirigente da reforma da Instrução Pública desse Estado, que tivera início em 1919, sob a presidência de Washington Luís - entendera que aos intelectuais e educadores paulistas caberia um papel especial na divulgação das inovações culturais requeridas para a construção de um Brasil moderno. Certamente, por essa razão, em 1922, Lourenço Filho viria a aceitar, de bom grado, o convite para lecionar Pedagogia na Escola Normal do Ceará, abandonando, ainda que temporariamente, o dinâmico ambiente pedagógico da Escola Normal de Piracicaba, onde lecionava.

Na coluna "Notas Sociaes" do Diário do Ceará, de 14 de abril daquele ano, encontramos a primeira alusão à sua presença em Fortaleza:

> *"Hontem à tarde, tivemos o prazer de receber nesta redacção a visita do distincto cavalheiro dr. Bergström Lourenço Filho, que, a convite do governo do Estado, veio lecionar Pedagogia na nossa Escola Normal.*
> *S.s., que é um espírito brilhante, acha-se hospedado na Selecta Pensão ."*

Poucas pessoas parecem saber disso, mas a vinda de Lourenço Filho para o Ceará, resultou de uma recomendação do então diretor da Escola Normal Pedro II, em Fortaleza, professor dr. João Hyppolito de Azevedo e Sá, ao presidente do Estado, dr. Justiniano de Serpa, no sentido de que solicitasse ao governo do Estado de São Paulo um professor especializado para lecionar junto às cadeiras de Psicologia e Didática, na referida escola. Esse propósito foi alargado, ao longo dos primeiros meses de trabalho do jovem professor paulista, quando ele, animado pelas reformas em curso naquela Escola Normal, as quais foram iniciadas por João Hyppolito, passou a participar mais ativamente dos desafios educacionais do meio social cearense.

A bem da verdade, a idéia de um plano geral de reforma da instrução pública do Ceará foi o resultado de meses de embate entre o governo Justiniano de Serpa e seus opositores. De início, o governo intentava apenas o aprimoramento pedagógico da Escola Normal, acreditando como Lourenço Filho que o mesmo redundaria em benefício mais geral, vindo a atingir, a seguir, o conjunto da instrução pública. Os jornais da época assinalam uma interessante polêmica travada entre as forças políticas situacionistas e oposicionistas a respeito da estratégia reformista adotada, em que os segundos, representados por Manuel Fernandes Távora, advogavam uma reforma educacional mais ampla e célere, que não ficasse restrita a um programa de qualificação de professoras normalistas. Com o acirramento desse debate, como que para silenciar tais críticos e impedir que os mesmos diminuíssem a força da promessa reformista do governo estadual, Justiniano e seus colaboradores passaram, então, a incentivar e apoiar uma reforma geral da instrução pública no Ceará.

De todo modo, a cidade de Fortaleza, pulsando muito viva, com anseios reformistas e modernizadores declarados, surpreendera bastante o educador paulista. Afinal, a imagem que trouxera na bagagem daquilo que aqui encontraria, fora desenhada em traços distorcidos e cores berrantes, com base nas impressões sobre a região Nordeste, que colhera ainda moço e imberbe, ao ler Euclides da Cunha, as quais retratavam, sobretudo, o império de um medonho e inaceitável arcaísmo social.

A esse respeito, o educador confessaria, no ano seguinte, em entrevista ao jornal Correio Paulistano - a qual se fez publicar no Diário do Ceará, de 20.07.1923 - o seu espanto por deparar-se, em Fortaleza, com uma cidade moderna, muito embora, a mesma contrastasse com o resto do Estado onde, na sua opinião, predominava um grande atraso, digno de ser combatido por uma ampla reforma educacional e cultural. Incomodava-o, sobretudo, o "Joaseiro do Padre Cícero" - sobre o qual, inclusive, escreveria um instigante relatório de viagem que, transformado em livro, lhe daria em 1926, um prêmio literário junto à Academia Brasileira de Letras - devido às manifestações de um certo "fanatismo" religioso, que acreditava muito assemelhado ao que fora combatido na Bahia,

por ocasião da batalha de Canudos. Além disso, Lourenço Filho ressentira-se pelo fato de que o Padre Cícero, no papel de prefeito daquele município, tivesse se negado a colaborar para a realização do recenseamento escolar proposto por ele, à frente da Diretoria da Instrução Pública do Ceará, uma peça-chave de sua reforma.

O fato é que, após conquistar a simpatia e a confiança de Justiniano, intelectuais e educadores locais, sentindo-se bastante estimulado pelos desafios de dirigir uma reforma para a qual mostrara em suas aulas, conferências e sugestões de melhoria pedagógica da Escola Normal, dispor de um grande preparo teórico e técnico, Lourenço Filho permaneceu por quase dois anos no Ceará marcando, com a sua passagem por estas plagas, para sempre, a história da educação cearense, ainda que da propagada reforma, segundo a crítica mais severa, não tenha ficado nada além da aura modernizante daqueles anos, a qual inscreveu-se, de modo especial, na arquitetura de uma rede de escolas e grupos escolares que sobreviveram aos tempos e na memória de nossa história oficial.

Hoje sabemos que o Ceará, em contrapartida, deu a Lourenço Filho a oportunidade de uma "estréia" em sua carreira de reformador escolanovista. Ao retornar para São Paulo, em 1924, ele já não cabia mais em Piracicaba. A partir daí o seu nome e a sua carreira cresceram sempre mais, em progressão meteórica, dando a ele, com o passar dos anos, renome nacional e internacional. Ao lado de Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, seu nome repousa com merecidas pompas e honrarias, a um século do seu nascimento, sob a insígnia dos grandes modernizadores da educação brasileira (M.J.M.C).